

Antecedência de dois anos é desafio para as pesquisas

■ Eleição de 94 mostra que intenções muito antecipadas não se transformam em votos

FRANCISCO LUIZ NOEL

A dois anos da eleição presidencial, diretores de institutos e cientistas políticos não põem a mão no fogo pelo acerto dos prognósticos das pesquisas. A antecedência, destacam, faz delas apenas um retrato da movimentação dos candidatos em busca de posição favorável para se lançar à disputa. "Pesquisa de dois anos antes registra a situação de largada", afirma o diretor-geral do Datafolha, Mauro Paulino. O cientista político Alberto Carlos Almeida, do Datafolha, concorda: "É como o exercício da musculatura antes do levantamento do peso".

A relativização dos resultados das pesquisas feitas tanto tempo antes das eleições tem a seu favor o exemplo da vitória do ex-ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso em 1994. "Em 93, a candidatura de Fernando Henrique nem existia. A vitória dele mostra que pesquisa de dois anos antes não tem influência sobre o resultado eleitoral", afirma Alberto Carlos Almeida, acrescentando que, no primeiro semestre de 94, quando o tucano costurava a candidatura, o petista Luiz Inácio Lula da Silva era o favorito, com 40%.

Popularidade – Para o diretor-geral do Datafolha, as pesquisas sobre a eleição de 2002, que têm dado a Lula a dianteira na corrida presidencial, refletem a avaliação pouco favorável que a população faz do governo, a insatisfação com os políticos e o rescaldo das eleições municipais. "Elas funcionam como um *recall* e captam a lembrança que o eleitor tem dos políticos que costumam disputar, como Lula". Mauro Paulino observa que o petista sempre aparece na faixa dos 30% antes das campanhas para a Presidência.

cia. "A questão é saber se ele passa desses 30%, como Marta Suplicy em São Paulo", diz.

Paulino associa aos ventos de moralização que arejam o país, engrossados pelo sucesso eleitoral do PT nas disputas municipais, o bom desempenho de Lula e do candidato do PPS, Ciro Gomes, nas últimas pesquisas. A do Ibope para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), divulgada na quinta-feira, deu a liderança a Lula, na faixa dos 30%, em todas as simulações, seguido de Ciro Gomes (17% e 18%) e do governador de Minas, Itamar Franco (14%). "Os

candidatos mais ligados à ética e à moralidade pública saem com vantagem", assinala o diretor-geral do Datafolha, ressaltando, porém, que a eleição de verdade está distante. "O grande divisor de águas é mesmo o início da propaganda na tevê", frisa. Até lá, pesquisa é uma coisa; eleição, outra.

Crescimento – Os cientistas só fazem uma previsão: O desempenho da economia terá forte influência sobre a disputa presidencial, como em 94 e em 98 – anos em que Fernando Henrique venceu com a bandeira da estabilização da moeda. Antônio Alkimim,

professor de sociologia da PUC-Rio, salienta que 2002 impõe discurso diferente. "Não se vai passar a vida inteira votando em função de uma moeda que tem de ficar estável. Também não basta crescer economicamente: É preciso, ter, também, um projeto de inclusão social", avisa.

Embora os resultados da política econômica indiquem que o Brasil entrará de vez na rota do crescimento, Alkimim assinala que "pouco adiantará dizer, para a população que está fora dos benefícios do crescimento, que o país cresceu". Alberto Carlos Almeida faz observação semelhante, dizendo que o governo só não fará feio nas urnas se satisfizer duas exigências econômicas: a garantia do crescimento em pelo menos 4% e a distribuição das melhorias sob a forma de empregos e renda para os mais pobres.

Almeida acrescenta a elas duas exigências políticas: a manutenção da aliança PSDB-PFL-PMDB e o lançamento de "um candidato minimamente carismático" para fazer frente à oposição – perfil que, na sua opinião, não exclui nomes como os ministros tucanos José Serra (Saúde), Pedro Malan (Fazenda), Paulo Renato Souza (Educação) e o governador do Ceará, Tasso Jereissati.

A importância do candidato é destacada pelo cientista político com a lembrança do resultado da eleição nos Estados Unidos, onde o democrata Al Gore, considerado um concorrente fraco, perdeu para o republicano George W. Bush, apesar de a economia americana ir de vento em popa sob o timão do Partido Democrata. "Só o bom desempenho econômico não ganha eleição. Se Bill Clinton tivesse sido candidato de novo, os democratas teriam ganho", acredita o cientista político.

Os números antes das campanhas

Previsão de 92 para 94*

Lula (PT)	28%
Maluf (PPB)	20%
Brizola (PDT)	9%
Quêrcia (PMDB)	8%
ACM (PFL)	6%
Tasso (PSDB)	5%
Branços, nulos e indecisos	24%

Previsão de 92 para 94*

FH (PSDB)	35%
Lula (PT)	18%
Maluf (PPB)	13%
Sarney (PMDB)	12%
Itamar (Sem partido)	7%
Jaime Lerner (PFL)	4%
Branços, nulos e indecisos	11%

*Pesquisa Datafolha de dezembro de 92

*Pesquisa Datafolha de dezembro de 96

Arte JB